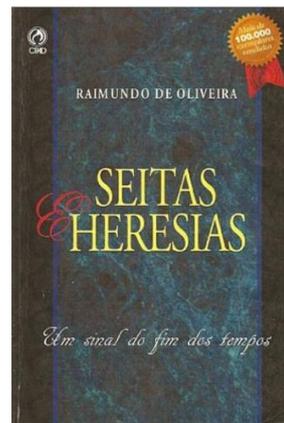


A teoria da reencarnação

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.” (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “A teoria da reencarnação”, que foi extraído da obra *Seitas e Heresias*, p. 46-48, cujo autor é Raimundo de Oliveira publicado pela editora CPAD em 1994 na sua 10ª edição, e compilado pelo CACP e publicado neste mesmo site, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/a-teoria-da-reencarnacao/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra-argumentação.



Percebemos que a obra em referência fez um apanhado acerca do tema reencarnação e ressurreição nas Escrituras, vindo a negar a reencarnação através dos exemplos da ressurreição diante dos fatos nela expostos. Contudo, ao exame da Bíblia que fizemos, faltaram algumas análises ignoradas pela obra em referência e que iremos desenvolvê-la. Antes, porém, vamos ao texto compilado pelo CACP destacado, logo em seguida, virão nossos comentários. Vejamos:

A teoria da reencarnação se constitui no cerne de toda a discussão espiritista. Destruída esta teoria, o espiritismo não poderá subsistir. Sobre o assunto, escreveu Allan Kardec: “A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição... A reencarnação é a volta da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em outro corpo novamente formado para ele que nada tem de comum com o antigo” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, pp. 24,25).

Primeiramente, teremos que corrigir o autor da obra que de forma equivocada passa a informação aos seus leitores de que a teoria da reencarnação é o ponto principal da Doutrina Espírita. O que já de início é provado que o autor da obra que estamos respondendo carece de fundamentação, pois a Doutrina Espírita está fundamentada na filosofia, moral e ciência destrinchada em suas obras basilares da Codificação Espírita, sendo a reencarnação, um dos pontos incluídos nesta base apresentada, ao qual através da filosofia, apresenta a reencarnação como a aplacação da justiça divina, através da lei de causa e efeito, imputada através das vidas sucessivas aos indivíduos que fazem o bom ou mau uso de seu livre arbítrio, as implicações científicas desta lei natural (Jo 3,12) na vida dos encarnados, bem como a moral por detrás das máximas de Jesus.

Contudo, não satisfeito o autor desta obra, cita Kardec, mas como temos observado em nossas respostas ao CACP, percebemos que sempre eles e suas fontes se utilizam dos argumentos da Codificação Espírita de forma fragmentada, a fim de dar-lhes maior credibilidade em suas críticas para o seu público. No entanto, ao

examinarmos a essência da mensagem espírita, é que percebemos a manobra capciosa do CACP em citar o texto fora de seu contexto. Vejamos:

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. **A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.** A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*. (KARDEC, 1996, p. 84, grifo nosso).

Fizemos questão de grifar a parte que a obra usada pelo CACP cita em um pequeno trecho para exame dos seus leitores, percebendo como é de praxe do CACP e suas fontes, tal como a que estamos respondendo, foi habilmente mutilada as concepções que definem a ressurreição com o fito do espírito reanimar o mesmo corpo, tal como se aplicou a Lázaro, mas a ressurreição de profetas e até mesmo do profeta Elias como João Batista, como bem fundamentou Kardec e o autor da obra omitiu de forma bem sábia, conhecedor das implicações da citação completa da Codificação Espírita e a dificuldade que iria encontrar para argumentar. Iremos dar posteriormente os devidos exemplos para que os leitores possam averiguar o que estamos esclarecendo. Contudo, passemos para o ponto seguinte da obra.

A Bíblia Nega a Reencarnação

A Bíblia jamais faz qualquer referência à palavra “reencarnação”, tampouco confunde-a com a palavra “ressurreição”. Segundo o dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, “reencarnação” é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existências com um só espírito; enquanto a palavra “ressurreição”, no grego, é *anástasis* e *égersis*, ou seja, levantar, erguer, surgir, sair de um local ou de uma situação para outra.

No latim, “ressurreição” é o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se. Bíblicamente, entende-se o termo “ressurreição” como o mesmo que ressurgir dos mortos, e, em linguagem mais popular, união da alma e do espírito ao corpo, após a morte física

Esse argumento é um dos mais interessantes, pois não se dão conta de que por ele também, nós os espíritas, podemos negar a Trindade, pois na Bíblia jamais se encontrará a palavra Trindade, entretanto, a maioria dos cristãos, a defende de unhas e dentes.

Como bem explanou Kardec anteriormente, foi bem explicado que os judeus ortodoxos na época de Jesus, mais precisamente os fariseus, tinham uma noção não muito esclarecida do que era a reencarnação e por este motivo a nominavam ressurreição dos mortos em seu significado de voltarem a vida, tal como o diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-16) que fica evidenciado o não entendimento do processo reencarnatório. Por outro lado, acreditavam também que ressurgiriam para o mundo vindouro (*Haolam Habá*), defendido inclusive por Paulo que acreditava poder viver em sua época (1Co 15,1-58), ou ainda que poderiam reanimar a vida no mesmo corpo através das mortes aparentes no Antigo Testamento e Novo Testamento. Este assunto será desenvolvido no tópico seguinte, mas iremos abalizar a nossa concepção e fundamentação primeiro no historiador hebreu Flávio Josefo, continuando em Champlin, Bentes e demais eruditos que o autor da obra deveria apresentar para dar maior credibilidade a sua crítica somente na ressurreição como de voltar a animar a vida num mesmo corpo. Vejamos:

A maneira de viver dos fariseus não era nem mole nem cheia de delícias; era simples. Eles se apegam obstinadamente ao que se persuadem dever abraçar. [...] Atribuem ao destino tudo o que acontece, sem, todavia, tirar ao homem o poder de nele consentir; de sorte que, tudo sendo feito por ordem de Deus, depende, no entanto, da nossa vontade entregarmo-nos à virtude ou ao vício. **Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras retornam a esta. Eles granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo**, que segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Vejam a advertência que Josefo faz aos soldados judeus que preferiram desertar, suicidando-se:

[...] os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias. O principal artigo de sua crença é tudo atribuir a Deus e ao destino; entretanto, na maior parte das coisas, depende de nós fazer o bem ou o mal, embora o destino possa ajudar-nos muito. **Eles dizem também que as almas são imortais; que as dos justos passam depois desta vida a outro corpo e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre.** (JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

Ainda que a crença na volta a um outro corpo não seja generalizada, ou seja, para todos, a convicção na reencarnação entre os judeus é algo incontestável.

“As diferenças quanto às crenças doutrinárias, entre os fariseus e os saduceus, conforme é frisada pelo historiador Flávio Josefo, eram as seguintes (ver Guerra dos Judeus II.8.14): **Os fariseus criam na imortalidade da alma, que haveria de reencarnar-se. Isso poderia envolver uma série de reencarnações (doutrina essa muito comum naquela época, que evidentemente também era defendida pelos essênios;** ver nota em Luc. 1:80 e Mat. 3:1 no NTI), mas também incluía a ideia de que a alma haveria de animar o corpo ressurecto”. (CHAMPLIN, R. N. e BENTES J. M., p.689, grifo nosso).

"[...] Eles criam na preexistência e imortalidade da alma, assumindo uma espécie de ponto de vista platônico-filônico sobre a alma. **Também acreditavam na reencarnação** (que vede). A alma, a princípio, habitava na pureza; mas então, ao unir-se com o corpo material, ficou aprisionada, e foi assim que a corrupção da alma teve início. Eles supunham que as almas boas iriam para a bem-aventurança, ao passo que as almas más seriam punidas eternamente. As influências religiosas a que estavam sujeitos, e que explicam em parte algumas de suas doutrinas e práticas, parecem ter vindo do judaísmo, especialmente do farisaísmo, do parseísmo, do paganismo sírio, do pitagoreanismo e do neoplatonismo". (CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M., p. 524, grifo nosso).

O Rabino Philip S. Berg, em "Reencarnação as Rodas da Alma", diz que:

"A palavra hebraica para reencarnação é **Guilgul Neshamot**, que literalmente quer dizer **'roda da alma'**. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. Guilgul Neshamot é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim". (BERG, 1998, p. 17-18).

Severino Celestino, citando o Rabino Shamaï Ende, diz:

"Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamaï Ende, colaborador da Revista Judaica **'Chabad News'**, publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: **'O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mistsvot [] da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. (...)'**" (DA SILVA, 2012, p. 161, grifo do original).

Embora saibamos a etimologia grega da ressurreição, o autor da obra se esqueceu de expor que existe sim a reencarnação citada nos originais bíblicos, mais precisamente no grego do Novo Testamento, tal como apresentamos a παλιγγενεσις (paliggenesia) que é citada por Paulo em Tito 3,5 e por Jesus em Mt 19,28 através do seu discípulo, o que entendemos que passou despercebido pelo autor da obra e obviamente pelo CACP.

Já a tese defendida pelo autor da obra no que tange a volta do espírito à vida no corpo, após o seu desligamento, é esclarecido pela Codificação Espírita não ser possível, pois derogaria uma lei natural e até mesmo uma determinação bíblica de que só morremos uma só vez (Hb 9,27), pois a ligação do espírito a matéria só se efetua na sua concepção, e não após a sua morte. Entendemos que este fenômeno é mais judiciosamente explanado por Kardec como letargia ou catalepsia, ou ainda mais conhecida como a EQM (Experiência Quase Morte). Passemos, porquanto ao item seguinte.

Ressurreição na Bíblia

No decorrer de toda a narrativa bíblica, são mencionados oito casos de ressurreição, sendo sete de restauração da vida, isto é, ressurreição para tornar a morrer, e um de ressurreição no sentido pleno, final — o de Jesus. Este foi diferente, porque foi ressurreição para nunca mais morrer, não somente pelo fato de Ele ser Jesus, mas porque, ao ressurgir, tornou-se Ele o primeiro da ressurreição real (1 Co 15.20,23).

A expressão “ressurreição *dentre* os mortos”, como em Lucas 20.35 e Filipenses 3.11, implica uma ressurreição da qual somente os justos participarão. Os participantes da verdadeira ressurreição não mais morrerão (Lc 20.36). A referida expressão e tradução correta do original. A palavra “dentre” indica que os mortos ímpios continuarão sepultados quando os santos ressurgirem.

Os sete outros casos de ressurreição na Bíblia, por ordem, são: o filho da viúva de Serepta (1 Rs 17.19-22); o filho da sunamita (2 Rs 4.32-35); o defunto que foi lançado na cova de Eliseu (2 Rs 13.21); a filha de Jairo (Mc 5.21-23,35-43); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); Lázaro (Jo 11.1-46); Dorcas (At 9.36-43).

O caso da ressurreição de Jesus, que, como já dissemos, é diferente, acha-se registrado em Mateus 28.1-10; Marcos 16.1-8; Lucas 24.1-12; João 20.1-10 e 1 Coríntios 15.4,20-23.

Neste ponto da abordagem, o autor da obra se apegou somente para um dos significados judaicos da ressurreição dos mortos, tendo em vista as oito ocorrências descritas no Antigo e Novo Testamento, ao qual ele fez questão de mencionar caso a caso, separando, porquanto, a ocorrência da ressurreição de Jesus em consonância com o pensamento de Paulo registrado em (1Co 15,1-58) e defendendo que as outras sete ocorrências foram de cunho de morte por uma segunda vez os que ressurgiram.

Neste caso, o autor da obra esqueceu de analisar que aos homens está ordenado morrerem uma única vez na tão propalada passagem de (Hb 9,27), que protestantes se utilizam para negar a reencarnação, mas que ao examinarmos neste contexto que estamos refletindo, de ressurreição dos mortos, depõe contra o próprio autor da obra e não da Doutrina Espírita que o harmoniza as ressurreições do filho da viúva de Serepta (1 Rs 17.19-22); o filho da sunamita (2 Rs 4.32-35); o defunto que foi lançado na cova de Eliseu (2 Rs 13.21); a filha de Jairo (Mc 5.21-23,35-43); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); Lázaro (Jo 11.1-46); Dorcas (At 9.36-43), em consonância com a ocorrência da letargia, catalepsia, ou ainda a EQM (Experiência Quase Morte) que atesta uma morte aparente e não definitiva nos moldes científicos atuais que os antigos desconheciam e que Jesus não tinha recursos de explicar em que estado estavam, a exemplo de Lázaro, dizendo o Mestre que apenas “dormem”.

O autor da obra a retratar a ressurreição de Jesus com a passagem de (Lc 20,36) tenta inferir que os que dentre os mortos ressurgirem, serão os justos. Ocorre que versos anteriores é tratado pela dúvida dos saduceus que não acreditavam na ressurreição dos mortos (Lc 20,27) perguntaram a Jesus sobre o casamento de acordo com a lei de Moisés, já que após a morte de um irmão, o seu outro irmão toma a sua mulher que não tendo filhos, garantirá a posteridade de sua descendência do seu irmão falecido. Ocorre que Jesus os esclarece que no Mundo Vindouro (*Haolam Habá*) não haverá casamento. É justamente o que a Doutrina Espírita nos ensina que no plano

espiritual não haverá a necessidade de suprir as vontades da matéria. Jesus ainda é enfático, afirmando que após atingirem o estágio evolutivo a merecerem o Mundo Vindouro, serão comparados aos anjos (Lc 20,36), ou seja, os espíritos superiores e puros ao qual todos nós um dia chegaremos, uns mais rápido, outros nem tanto, vindo estes últimos a necessitarem das vidas sucessivas para aperfeiçoamento contínuo.

O que iremos comentar agora é o pensamento de Paulo e a prova material da ressurreição física de Jesus. Por um lado, Paulo diz que a carne e o sangue não herdarão o reino dos céus (1Co 15,50), mas acreditava ele que em seu tempo viveria o fins dos tempos e seria transformado seu corpo físico, sem a necessidade da morte, num corpo em glória, assim como a igreja de Corinto (1Co 15,52). Já a ressurreição de Jesus, segundo o relato do evangelista Lucas, é física (Lc 24,39), mas Paulo deixa bem claro que ela foi espiritual (1Co 15,45) por Jesus representar o espírito vivificante. Neste relato, ficaria difícil harmonizar os textos, mas Paulo dá uma pista, pois ele acreditava que os que ali se encontravam, num tocar de trombetas, seriam todos transformados, revestindo a corrupção pela incorrupção, fato este que não ocorreu. Em paralelo, Jesus morreu, mas seu corpo nunca foi encontrado, ou não se soube o seu paradeiro. Tal como Kardec, na obra *A Gênese*, preferiu não emitir uma análise a este respeito, deixando para o tempo oportuno analisar, o que a sua morte não o permitiu. Ficaremos com a impressão deixada por Kardec e aos protestantes a explicação miraculosa de que o corpo de carne de Jesus ressurgiu e ascendeu ao céu.

Quanto à ressurreição propriamente dita, escreve Allan Kardec: “A ressurreição implica a volta da vida ao corpo já morto — o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo foram, depois de muito tempo, dispersos e absorvidos”.

E evidente que esta teoria de Allan Kardec não pode prevalecer, uma vez que se baseia em conceitos de homens e não nas Escrituras, que declaram a possibilidade da ressurreição dos mortos. Não é relevante citarmos aqui os casos de mortos que foram ressuscitados antes de serem levados à sepultura. Vamos citar apenas dois casos de mortos que foram levantados dentre os mortos após quatro e três dias de sepultados: Lázaro e Jesus.

LÁZARO

O testemunho de João capítulo 11 é que Lázaro:

- a) estava morto (vv.14,21,32,37);
- b) estava sepultado já havia quatro dias (vv. 17,39);
- c) já cheirava mal (v.39);
- d) ressuscitou ainda amortalhado (v.44);
- e) ressuscitou com o mesmo corpo e com a mesma aparência que possuía antes de morrer (v.44).

3.2.2. Jesus

O testemunho das Escrituras quanto à morte e ressurreição de Jesus Cristo, é que:

- a) Os soldados romanos testemunharam que Cristo estava morto (Jo 19.33).
- b) José de Arimatéia e Nicodemos sepultaram-no (Jo 19.38-42).
- c) Ele ressuscitou no primeiro dia da semana (Lc 24.6).

d) Mesmo após ressuscitado, Ele ainda portava as marcas dos cravos nas mãos, para mostrar que seu corpo, agora vivo, era o mesmo no qual sofrerá a crucificação, porém, glorificado (Lc 24.39; Jo 20.27).

Nesta abordagem, o autor da obra nos convida a uma análise das passagens comparativas das mortes e ressurreições de Lázaro e Jesus, após um breve comentário de Kardec que já o destrinchamos em nossa introdução a nossa resposta, colocando o devido conceito de ressurreição dos mortos da concepção judaica serem diferentes quando se tratavam da reanimação de vidas dos que estavam aparentemente mortos, o que Jesus usou como “sono da alma” e concluímos se tratar de um processo de letargia, catalepsia e EQM (Experiência Quase Morte) com base na Codificação Espírita e também comprovados cientificamente. Com isso, não iremos mais nos deter em explanar sobre este assunto, mas vamos ao nosso texto “[A Torá e a Reencarnação](#)”, onde desenvolvemos somente sobre o prisma do entendimento judaico do retorno à vida por profetas e pessoas comuns, em novos corpos distintamente formados, dentro do judaísmo e que o autor da obra parece não ter em sua biblioteca a Torá e nem muito mesmo obras que retratam da reencarnação nos moldes judaicos.

Em relação à crença dos judeus na reencarnação não ser unânime, tal como os saduceus que não acreditavam e os fariseus que a melhor compreendiam na época de Jesus, tal como a ressurreição dos mortos para voltarem a viver, sem nos furtar de que acreditavam na ressurreição no fim dos dias, como uma ressurreição espiritual, sendo esta concepção negada pelos mesmos saduceus que citamos; percebemos que os fariseus e escribas é que tinham a crença na ressurreição dos mortos, como que poderiam retornar à vida, fato este que não era crível por parte dos saduceus, como já frisamos. Antes de adentrar na análise do livro do Êxodo, é importante citar, de antemão as passagens abaixo que nos trazem a forma de como os Judeus entendiam a volta da essência (ruach) à vida corpórea, ou um novo ser (nefesh).

Mt 16,13-17: Jesus tendo vindo para os lados de Cesareia de Filipas, interrogou seus discípulos e lhes disse: que dizem os homens quanto ao filho do homem? **Quem dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.** Jesus lhes disse: E vós outros, quem dizíeis que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Sois bem aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi a nem a carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus.

Esta passagem também se encontra registrada em Mc 8,27-33 com uma diferença de narrativa que em Marcos, não há a menção de que Jesus poderia ser o profeta Jeremias e Pedro é repreendido por Jesus, já em Mateus, há a menção de que Jesus poderia ser Jeremias e Pedro é enaltecido por Jesus, mas não será este o objetivo de nossa abordagem. É importante ficar claro que por esta narrativa fica evidente que a reencarnação fazia parte de um dos dogmas do Judaísmo, porém, com o nome de ressurreição, levando-se em conta esta afirmativa dos apóstolos, depois da pergunta de Jesus, de que **Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.**

Vê-se claramente que eles criam que os que haviam morrido podiam voltar a viver, mas essa ideia era um tanto quanto vaga e não estava claramente definida para

eles, que não compreendiam como a alma se ligava ao corpo e voltava a viver, chamando e entendendo este processo como ressurreição de alguém que houvera morrido e que poderia animar outro corpo. Há também a ideia da ressurreição com o espírito animando o mesmo corpo já absorvido pela natureza. Contudo, a Doutrina Espírita mais judiciosamente nos esclarece como reencarnação a primeira ideia, e quanto à segunda diz de sua impossibilidade científica.

Com efeito, a ressurreição fazia menção, ou até mesmo supunha que voltava a vida o corpo que morreu, entretanto vemos que pelos fatos científicos, ficaria algo que improvável de se ocorrer, já que os demais compostos químicos e orgânicos decompostos seriam absorvidos pelo meio ambiente; não havendo desta maneira como recompor o mesmo corpo físico, cujos elementos físico-químicos já haviam sido dispersos e que há muito foram absorvidos pelo meio naturalmente.

Na verdade, os que, àquela época, viam como ressuscitados passaram por uma EQM – experiência quase morte, portanto uma morte “aparente”, fato hoje defendido por muitos cientistas, embora existam os negadores, é claro!

A reencarnação é o retorno da alma, ou Espírito, à vida corporal, mas em outro corpo gerando por um processo normal de fecundação do gameta masculino e feminino, que, desta maneira não traz a forma do corpo físico animado na encarnação passada, senão a personalidade que permanece, porém, com a dádiva do esquecimento do passado. A palavra ressurreição pode ser entendida como para Lázaro (Jo 11,43) que por um processo natural de catalepsia, letargia, ou até o Estado de Quase Morte (EQM) que a ciência nos traz mais recentemente, “ressurgiu” e voltou a viver. Com isso, prossegue a narrativa abaixo:

Mc 6,14-15: Entretanto Herodes, o Tetrarca, ouvindo tudo o que Jesus fazia, seu espírito estava suspenso – **porque uns diziam que João ressuscitara de entre os mortos, outros que Elias apareceu, e outros que um dos antigos profetas ressuscitara.** – Então, Herodes disse: Eu fiz cortar a cabeça a João, mas quem é este de quem ouvi falar tão grandes coisas? E ele tinha vontade de o ver.

Os apóstolos se dirigiram ao Mestre Jesus, dizendo que **Alguns dizem que sois João Batista**. Importante essa afirmativa, pois demonstra que, para algumas pessoas, Jesus poderia ser João Batista. Entretanto, Jesus não poderia ser João Batista, porquanto foram contemporâneos, conhecia-se a infância e vida de João Batista e de Jesus, inclusive, puderam estar junto em certas ocasiões, o que nos leva a não haver a mínima possibilidade de João ser Jesus. Isto vem a corroborar o que dizemos anteriormente de como que a visão do retorno à vida não era muito bem definida naquela época, já que para os Judeus a reencarnação era um processo não muito claro, vindo a nos afirmar que João Batista era Elias reencarnado, admitia-se que o espírito de Elias, ou seja, a essência (ruach) habitava um novo ser que era João Batista. Destarte, João só poderia vir a ser Elias reencarnado.

Aqui fica claro que a palavra ressuscitar também se aplicava a ideia da reencarnação, já que Jesus, segundo julgavam, poderia ser “um dos antigos profetas que ressuscitara”.

A outra afirmativa dos apóstolos, a respeito de quem era Jesus é que **outros** diziam ser **Elias**. Esta outra afirmativa é ainda mais importante, já que os profetas Isaías e Malaquias previram o retorno do profeta Elias e os Fariseus e Escribas sabiam dessas profecias e as ensinavam a todos os demais Judeus.

Contudo, Jesus não poderia ser Elias, já que o profeta Elias apenas viria preparar o caminho do Messias (Ml 3,1), mas não seria o Messias, uma vez que, como João Batista era o precursor de Jesus e não o próprio Messias. Ademais, era de João Batista que as profecias anunciavam como sendo o Elias que prepararia o caminho do Messias (Mt 11,10; Jo 3,28).

Contudo, os demais apóstolos assim continuavam sobre quem seria a essência (ruach) de Jesus, onde **outros** diziam ser **Jeremias ou alguns dos profetas**. Esta última afirmativa dos apóstolos nos indica ainda mais um profeta, que é Jeremias, porém, não somente ele, mas também alguns dos profetas.

Ou seja, desta maneira que os Judeus encaravam o retorno da essência (ruach) à vida corpórea, ou um novo ser (nefesh), mas que a Doutrina Espírita, mais judiciosamente postulou seu princípio científico, como reencarnação. Finalizando a passagem, assim Pedro desfecha que Jesus: **Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo**, marcando a confirmação de que Jesus era o Messias que fora prometido não somente aos Judeus, mas a toda a humanidade.

Diante de nossa definição da ressurreição dos mortos que o judaísmo tinha como conceito, tal como estamos pesquisando sobre o pensamento do primeiro século da era cristã, definimos da seguinte forma os diversos conceitos judaicos para a ressurreição dos mortos.

- a) Ressurreição dos mortos de um ser que viveu e ressurgiu ainda em sua atual existência, tal como ocorreu com Lázaro, à filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. (Jo 11,1-45; Mc 5-22-43; Lc 8,41-56);
- b) Ressurreição como algum profeta pudesse voltar à vida, porém num outro corpo formado, tal como ocorreu nas narrativas comentadas. (Mt 16,13-17; Mc 6,14-15);
- c) Ressurreição no fim dos dias, para o Mundo Vindouro (*Haolam Habá*), tal como defendido por Paulo, que acreditava que viveria em sua época (1Co 15,1-58).

Partindo dessas definições, iremos agora adentrar na análise de onde a ideia da *Gilgul Neshmot* (Rodas das almas) se iniciou no livro do Êxodo.

Texto em Hebraico de Êxodo 20,5-6

ה לא
תִּשְׁתַּחֲוֶה לָהֶם וְלֹא תַעֲבֹדֵם כִּי אֲנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
אֵל קָנָא פֹקֵד עֵוֹן אָבֹת עַל-בְּנִים עַל-שְׁלִשִׁים
וְעַל-רִבְעִים לְשָׁנָיִם וְעָשָׂה חֶסֶד לְאַלְפִים לְאַהֲבִי
וְלִשְׁמֵרֵי מִצְוֹתַי

Ex 20,5-6: “Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e **sobre** quartas gerações, aos que Me aborrecem; e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos”. (TORÁ, p. 214-215, grifo nosso).

[...] Comentários de rodapé.

5 dos pais nos filhos – Quando os filhos continuam praticando a iniquidade de seus pais, pois filhos não devem seguir os maus exemplos dos pais, depois de conhecer as consequências. **6. Até duas mil gerações.** A misericórdia de Deus estende-se pelo menos até duas mil gerações, enquanto o seu castigo é muito menor para os que o aborrecem. [...] (TORÁ, p. 215, grifo no original).

Texto em Hebraico de Êxodo 34,6-7

וַיַּעֲבֹר
יְהוָה | עַל-פְּנֵי וַיִּקְרָא יְהוָה | יְהוָה אֱלֹהֵי רַחוּם וְחַנּוּן
אֶרֶךְ אַפַּיִם וְרַב-חַסֵּד וְאֱמֵת: | נֹצֵר חַסֵּד לְאַלְפִים
נִשְׂא עֵינָיו וַפִּשַׁע וְחַטָּאת וְנִקְהָ לֹא יִנְקָה פֶקֶד | עֵין
אַבֹת עַל-בְּנִים וְעַל-בְּנֵי בְנִים עַל-שְׁלִשִׁים וְעַל-
רַבְעִים:

Ex 34,6-7: E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações.” (TORÁ, p. 266, grifo nosso).

[...] Comentários de rodapé.

6. Eterno, Eterno, Deus piedoso – Os versículos seis e sete contêm os 13 atributos (*Shelosh Esrê Midot*) de Deus, os quais se tornaram uma das principais orações do judaísmo. O Talmud escreve que Deus disse a Moisés: “Sempre que Israel pedir o meu perdão, que mencione estas minhas qualidades”. O Rabi lehudá acrescenta: Deus tem feito uma aliança para não deixar em vão esta prece (somente quando Israel a reza em jejum – Rashi) (*Rosh Hashaná 17b*). Essa prece pode ser rezada somente quando houver pelo menos um Minian (quórum de 10 homens). Os 13 atributos constituem a base da concepção judaica sobre a divindade.

(Eis aqui uma breve explicação deles: 1-2) **Ado-nai Ado-nai**: A repetição do nome do Eterno aqui significa que Ele é misericordioso com qualquer pessoa, no que diz respeito aos seus pecados e como pecador arrependido. 3) **Ei**: Deus poderoso que age de acordo com os Seus sábios ditados. 4) **Rachum**: Misericordioso como um pai para com seus filhos, prevenindo-os para não cair. 5) **Chanún**: Benevolente e que ajuda os caídos que não podem regenerar-se por si mesmos. 6) **Érech-apáyim**: Paciente, espera que o pecador se arrependa. 7) **Verav-chéssed**: Cheio de misericórdias com a pessoa correta e também com a incorreta 8) **Emet**: Verdadeiro e direto em suas promessas. 9) **Notser-chésed lalafim**: Bondoso e misericordioso: considera os méritos dos pais nos filhos, ao menos por duas mil gerações. 10) **Nossé Avon**: Perdoa os pecados cometidos premeditadamente. 11) **Vafesha**: Perdoa as ofensas e pecados cometidos com

espírito de rebeldia. 12) **Vechataá**: Esquece os pecados cometidos involuntariamente. 13) **Venakê**: Absolve o penitente.

7. visita a iniquidade dos pais nos filhos – Quando os filhos seguem o mau caminho dos pais, o Eterno os castiga também pelos pecados dos pais. (TORÁ, p. 266-267, grifo no original).

Entendemos que a versão que irá abalizar a nossa pesquisa será a Torá que foi emanado do Eterno este mandamento, tal como ensinado por Jesus se tratar de uma lei natural (Jo 3,12). Ao examinarmos a codificação espírita em consonância com a Torá, vemos que as traduções são iguais para o Ex 20,5-6; 34,6-7, mas não podemos garantir que as demais traduções bíblicas refletem a mensagem original. Vemos ainda a análise de Kardec quanto ao tema. Vejamos:

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (ISAÍAS, cap. XXVI, v. 19.)

13. E também muito explícita esta passagem de Isaías: "Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada *viverão de novo*." Se o profeta houvera querido falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: *ainda vivem*, e não: *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contra-senso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. Mas, quando o homem há morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? - Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (JOB, cap. XIV, v. 10,14. Tradução de Le Maistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força. expira. Depois, onde está ele? - Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação? (ID. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo. (ID. Versão da Igreja grega.)

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Job haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele de certo não conhecia. "Tendo o homem morrido *uma vez*, poderia *reviver de novo*?" A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: "Acabando os dias da minha *existência terrena*, esperarei, porquanto a *ela voltarei*", ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: "Saio de minha casa, mas a ela tornarei."

"Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, *espero* que se dê a minha mutação." Job, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece aplicar-se, preferentemente, a uma nova existência: "Quando a minha existência estiver acabada, *esperarei*, porquanto a

ela voltarei." Job como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta. (1)

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que hão dado lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro. (KARDEC, 1996, p. 88-90)

Já no Tanah, vemos claramente que havia, na época da lei e dos profetas, a crença de que todos nós iremos voltar à vida. Tanto é fato que verificamos como isso poderia ocorrer. Vejamos, conforme a explanação da passagem que corrobora tal sentido que emana da Torá, bem como, por exemplo, no Gênesis, numa tradução fiel ao hebraico:

Gn 15,15-16: Tu, porém, irás a teus pais em paz, será sepultado, serás sepultado após boa velhice. E a quarta geração voltará aqui, porque não se completou a medida do pecado do Emoreu, até aqui. (TANAH, p. 22)

Essa compreensão é mais do que clara, já que após quatro gerações, pessoas que já estiveram em nosso meio poderiam voltar à vida. Mais adiante, é esclarecida essa ideia em Isaías:

Is 26,19: Mas reviverão teus mortos. Os cadáveres de meu povo voltarão a se erguer. Despertai e cantai, ó vós que estais no pó, porque sobre vós cai o orvalho da luz. E a terra fará reviver a sombra. (TANAH, p. 416)

Constatamos que, desde a antiguidade, já se acreditava que um dia iremos voltar a viver sobre a Terra. Contudo, essa ideia não era muito nítida quanto a sua abrangência referente ao tempo, ou época em que ocorrerá a nossa ressurreição. Já em Daniel, capítulo 12, lemos que haverá o cumprimento de suas profecias, dando ao seu povo a ressurreição do fim dos tempos, uns para a vida eterna e outros para a condenação que não se trata da reencarnação, mas a ressurreição final em espírito, já sem mácula e atingido a plenitude moral e intelectual, totalmente espiritualizado, não havendo, porquanto, a necessidade mais dos processos reencarnatórios para aperfeiçoamento.

Os que não estivessem preparados para a ressurreição do espírito, retornariam ao ciclo das reencarnações para retomarem o aprendizado moral e intelectual. Não deveríamos atribuir a Deus, um sentimento de eternidade das penas literalmente, ainda mais como uma eterna condenação por erros humanos finitos, pois onde ficaria sua misericórdia que também é eterna? Poderíamos colocar num mesmo patamar uma falta humana eterna e uma penalidade eterna também do Criador.

Esta seria a única forma de encontrarmos justificativa para ambos os casos, sendo ele o de que a criatura seria eternamente má e do Criador eternamente justo. Sabemos que a eternidade só pertence ao Criador e não a criatura, já que Este há não princípio e nem fim, assim como está registrado no Salmo 103,8-10: *Compassivo e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade. Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades.*

O que o texto de Daniel nos remete é apenas um simbolismo: os que irão para a vida eterna são os Espíritos que não necessitam mais da reencarnação, ao passo que os que irão para a vergonha e desprezo eterno, são os que ainda permanecerão presos ao ciclo das reencarnações sucessivas, até que um dia atinjam as mesmas condições adequadas para não precisarem mais da reencarnação para o seu aprimoramento. Devemos entender que esse ciclo é eterno enquanto dure, já que o termo eterno, neste caso, significa apenas um período de longa duração.

Em Oseias, capítulo 6, lemos que o profeta Oseias já nos traz a ideia de uma ressurreição próxima ao da nossa passagem para o mundo espiritual, a fim de vivermos eternamente a serviço de Deus. Neste caso difere de Daniel que não faz qualquer tipo de exclusão, como também, não fala de nenhuma condenação eterna. Deste pensamento, entendemos e podemos concluir que todos nós recebermos o prêmio. Muito embora não seja tão imediato esse estar "vivendo a serviço Dele", mas sim, quando nos tornarmos Espíritos puros, não necessitando mais reencarnar. Já no Novo Testamento, encontramos em Mt 14:1-2, a evolução da concepção apresentada no velho testamento, acerca das obras praticadas por Jesus e o entendimento dos antigos:

Mt 14:1-2: Por aquela mesma época, o tetrarca Herodes ouviu falar de Jesus. E disse aos seus cortesãos: **É João Batista que ressuscitou. É por isso que ele faz tantos milagres.**

Eles acreditavam que João havia retornado na pessoa de Jesus e vinha operando diversos milagres. Por este motivo que esclarecemos anteriormente que a reencarnação não era bem compreendida na época de Jesus, mas era bem difundida em Jerusalém e redondezas. Foi citado pelo professor Severino Celestino a tradução correta para uma passagem específica no livro de Números, onde fomos a Tanah para averiguarmos. Vejamos:

Nm 14,18: "E Eterno é tardio em irar-se e grande em misericórdia; perdoa iniquidade e rebelião, e não livra o culpado que não faz penitência; cobra o delito dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações"; (TANAH, p. 152, grifo nosso)

Portanto caro leitor, onde temos a preposição **sobre** destacada, nas demais traduções vemos a tradução incorreta como **até**. Abram suas bíblias e confirmem. Uma passagem que as demais traduções encobrem o sentido da reencarnação no Tanah é a de Jó 33,28-30 que iremos compará-la as traduções da Bíblia de Jerusalém que é uma tradução católica que julgamos ser uma das melhores e a Almeida Revista e Atualizada que é uma comumente utilizada por protestantes. Vejamos:

Jó 33,28-30: Ele redime a sua alma, impedindo-a de seguir para o abismo e concedendo novamente luz à sua vida. Vê que Deus pratica tudo isso duas, e mesmo três, vezes para com o ser humano, para trazer de volta da cova sua alma, para que possa ser iluminada pela luz da vida. (TANAH, p. 726)

Jó 33,28-30: Salvou minha alma da sepultura, e minha vida se inunda de luz. Tudo isso faz Deus duas ou três vezes ao homem, para tirar sua alma da sepultura e iluminá-lo com a luz da vida. (Bíblia de Jerusalém, p. 844)

Jó 33,28-30: Deus redimiu a minha alma de ir para a cova; e a minha vida verá a luz. Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes. (Bíblia Sagrada, AFA, p. 545)

Percebemos que da tradução da bíblia hebraica para as demais traduções que citamos, encontramos uma semelhança com a Bíblia de Jerusalém, que julgamos a melhor tradução ocidental do Tanah, mas uma enorme diferença da construção do texto em lide com a Bíblia Almeida Fiel e Atualizada, onde se vê claramente a tentativa de retirar o sentido da reencarnação desta passagem. Teremos com base no que explanamos os exemplos abaixo que retratam o pensamento judaico exarado no texto de Ex 20,5-6; 34,6-7.

Se levarmos em consideração as únicas possibilidades existentes, em vista das Escrituras, é a de que aquelas pessoas atrelaram o sofrimento do cego à sua conduta ou à conduta de seus pais, em vista da passagem de Ex 20,5-6 já analisada em seus pormenores. Abriremos um parêntese para citar a passagem em análise:

Jo. 9,1-3: Quando ele ia passando, viu um homem que era cego de nascença. Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?** Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele.

Os Judeus temiam que as conseqüências dos pecados de seus pais viessem a trazer maldições para suas vidas. Mas como um cego de nascença poderia ter pecado? Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, pois era cego desde quando veio ao mundo? Para ter lógica, somente poderia ter cometido suas faltas em uma existência anterior. Fato este que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaríamos a pergunta deles para Jesus: Quem pecou para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?

Diante do princípio inquestionável da justiça divina de que “*a cada um segundo suas obras*” (Mt 16:27), mencionada pelo Mestre Jesus, pela qual ressalta que ninguém pagará pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos atribuída às próprias pessoas que os praticam, e no caso do cego de nascença, não há como atribuir a hereditariedade do pecado, já que ele havia nascido cego e não seguiu os passos dos pais, para como isso se justificar essa suposta tese. Já que para os Judeus a reencarnação fazia parte de suas concepções.

Entendemos que se o Cego de Nascimento era responsável por seus atos diante do Senhor (Dt 24:16). Este ato, diante da concepção dos apóstolos ao questionarem Jesus, é de que ele houvera praticado em desacordo com a providência em uma existência anterior.

A resposta de Jesus: “*Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele*”, poderá ser explicada da seguinte forma: diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo havia a necessidade de Jesus fazer alguns “milagres” para executar a sua missão, como o fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai, bem como:

Jo 9,4-5: É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. **Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.**

Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão e este homem cego era um deles. Aqueles que Ele escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo ao seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam no plano espiritual.

O fato de Cristo não ter negado a reencarnação é lógico, uma vez que entre os discípulos havia a intuição sobre este assunto (Ex 20,5-6), assim como estamos vendo nesta análise. Por que Jesus não negou a reencarnação neste momento? A resposta é lógica mesmo, já que eles acreditavam que a essência (ruach), voltava novamente, mesmo com uma noção inata e de uma forma ainda não muito clara para eles naquele momento. Destarte, se fosse um erro os Judeus acreditarem na reencarnação, certamente Jesus os repreenderia; mas Jesus não os repreendeu, antes os esclareceu, derrubando, assim, a tese da unicidade da vida terrena, que muitos pregam erroneamente, porque não encontram subsídios nem mesmo na Bíblia para contrariar a crença dos Judeus na reencarnação e as análises que já fizemos.

Diante do que demonstramos anteriormente. Iremos adentrar na análise do Homem Coxo que denota uma expiação, diferentemente do cego de nascença que era por motivo de prova. Segue a narrativa de que:

Jo 5,5: Estava ali um homem enfermo havia uns 38 anos.

Não sabemos se o homem havia nascido coxo, ou adquirido a paralisia de suas pernas na infância, para determinar se este estaria numa expiação, ou numa prova pela sua própria escolha antes de reencarnar, o mais provável é a segunda hipótese. Veremos que quando Jesus curou este homem, assim se sucedeu que:

Jo 5,14: Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.**

Se o homem adquiriu a sua enfermidade, esta poderia ser certamente o fruto de suas atitudes em desacordo com a providência divina numa encarnação anterior, conforme a advertência de Jesus para que não peques mais, a fim de que não te suceda alguma coisa pior, uma vez que, quando da sua infância, não teve nenhuma possibilidade de fazer algo contra à justiça divina. Uma coisa é certa, a enfermidade do Cego de Nascimento foi por prova, enquanto por este relato do Homem Coxo, certamente foi por expiação de um ato praticado numa encarnação anterior, podendo ocorrer algo ainda mais grave numa encarnação posterior, conforme o alertara Jesus dizendo que não pecasse mais *“para que lhe sucedessem coisa pior”*.

Fizemos um apanhado geral em nosso texto para mostrar aos leitores do autor da obra que estamos respondendo que não foi suficientemente abrangente em sua colocação acerca da diferença entre a reencarnação e ressurreição, o que demonstramos ser completamente distintos dentro da concepção judaica. O que preferirem aprofundar no assunto, recomendamos o estudo do nosso texto [“A Torá e a Reencarnação”](#). Passemos, porquanto ao desfecho da obra em análise.

Uma Teoria Absurda

Procurando dar sentido bíblico à absurda teoria da reencarnação, Allan Kardec lança mão do capítulo 3 de João para dizer que Jesus ensinou sobre a reencarnação. Os tradutores da obra de Allan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, usaram a versão bíblica do padre Antônio Pereira de Figueiredo como texto base de sua tradução, grifando o versículo 3 do citado capítulo de João: “Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele

que *renascer de novo*" (ênfase minha), quando o versículo naquela versão é escrito da seguinte forma: "Na verdade, na verdade, te digo, que não pode ver o reino de Deus, senão aquele que *nascer de novo*" (ênfase minha).

"Renascer" já significa *nascer de novo*, enquanto "renascer de novo" constitui-se numa intolerável redundância, mas não sem propósito por parte do espiritismo, que por tudo procura provar que a absurda teoria da reencarnação tem fundamento na Bíblia.

Extraído do livro SEITAS E HERESIAS, Editora CPAD

Diante da diatribe de que a reencarnação não passa de um absurdo, segundo o autor da obra. Vimos a pesquisar o tema proposto, mais precisamente sobre o capítulo 3 de João, onde Jesus dialoga com Nicodemos. Temos um estudo sobre o tema, intitulado de "[O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)" que os prezados leitores poderão estudá-lo com maior profundidade, o que não o iremos citar na íntegra este nosso trabalho, antes, porém um pequeno resumo, após a citação de Kardec quanto a crítica recebida. Chegamos ao ponto em que nos encontramos diante da passagem mais magnífica no evangelho de João, onde se trata da lei natural da reencarnação (Jo 3,12).

Por outro lado, é uma das passagens que desperta controvérsias, ou até mesmo certa dúvida em muitas pessoas. Diante disso, vamos averiguar em suas minúcias no aludido texto de Jo 3:1-16 com base na codificação espírita. Vejamos:

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus - que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: "Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele."

Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade, digo-te: *Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.*"

Disse-lhe Nicodemos: "Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?"

Retorquiu-lhe Jesus: "Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. - O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. - Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. - O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito."

Respondeu-lhe Nicodemos: "Como pode isso fazer-se?" - Jesus lhe observou: "Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. - Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?" (S. JOÃO, cap. III, vv. 1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (nº 1, nº 2, nº 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não

houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: "Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo." E insiste, acrescentando: *Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo.*

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que nalgumas traduções as palavras - *do Espírito* - foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível. (1)

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo *água* que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na *Gênese* se lê: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; - Que o firmamento seja feito no meio das águas; - Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; - Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento."

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam, pois: "Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma." E nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai*: pode-se entender que se trata do *Espírito de Deus*, que dá vida a quem ele quer, ou *da alma do homem*. Nesta última acepção - "não sabes donde ele vem, nem para onde vai - significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

(1) A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: "Não renasce da água e do Espírito"; a de Sacy diz: do Santo Espírito; a de Lamennais: do Espírito Santo. À nota de Allan Kardec, podemos hoje acrescentar que as modernas traduções já restituíram o texto primitivo, pois que só imprimem "Espírito" e não Espírito Santo. Examinamos a tradução brasileira, a inglesa, a em esperanto, a de Ferreira de Almeida, e todas elas estão somente "Espírito". Além dessas modernas, encontramos a confirmação numa latina de Theodoro de Beza, de 1642, que diz: "...genitus ex aqua et Spiritu..." "...et quod genitum est ex Spiritu, spiritus est." É fora de dúvida que a palavra "Santo" foi interpolada, como diz Kardec. - A Editora da FEB, 1947. (KARDEC, 1996, p. 84-87; 90)

Importante citarmos a Kardec, pois em suas argumentações das passagens bíblicas ele afirma ter utilizado a tradução de Le Maistre de Sacy, isso é importante por ser uma das melhores traduções há seu tempo. Nos elucida que não há neste texto a inferência de *pneuma hagion*, ou o espírito santo, sendo apenas *pneuma*, ou espírito. Vale ressaltar que o autor da obra diz que Kardec se utilizou da tradução da bíblia de Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797) ao qual era um padre português que traduziu da Vulgata Latina para o português tanto o Velho Testamento quanto o Novo Testamento, concluindo este trabalho em 1782 ^[1].

O que nos chama à atenção é de que como Kardec, francês que era se utilizou de uma versão em português para elaborar o Evangelho Segundo o Espiritismo? Como dissemos anteriormente e pudemos observar na nota de rodapé da editora FEB, Kardec se utilizou a versão de Le Maistre de Sacy e Osterwald. O único absurdo que temos notado nos argumentos do autor da obra é este erro em atribuir uma fonte que Kardec não utilizou, mesmo ambas traduzidas com o mesmo contexto de *renascer de novo*.

O que nos chama à atenção mais uma vez desta observação do texto, é o fato de o autor da crítica resmungar sobre uma tradução bíblica correlata que Kardec usou e que pelos fatos era corrente à sua época. A reclamação do Raimundo, cujo autor da crítica, deveria ser para a tradução que o Padre Antônio Pereira de Figueiredo. O fato de nascer, ou renascer não altera o processo reencarnatório por ser de novo que devemos estar nascendo para ver o reino dos céus, pois somente através do processo das vidas sucessivas é que se chega ao objetivo da evolução espiritual.

Toda a explanação de Kardec é suficiente para atestarmos de que a passagem de Jo 3,1-16 se trata da reencarnação, mas àqueles que quiserem aprofundar no assunto, recomendamos o texto "[O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)". A citação do CACP para por aqui, mas o texto do autor da obra vai além, tal como o tema João Batista e Elias, bem como a Comunicação com os Mortos e duras críticas ao Espiritismo, mas iremos aguardar o CACP publicar o restante desta matéria e outras mais constantes nesta obra que acabamos de responder, que ao exame mais apurado, não resiste aos fatos por ele ignorados e por nós apresentados. Deixamos a mensagem de que a ressurreição é um tempo de recompensa; a reencarnação um tempo de reparar. A ressurreição é um tempo de colher; a reencarnação um tempo de semear.

Thiago Toscano Ferrari
Fevereiro / 2014

Fontes bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.

TORÁ, *A Lei de Moisés*, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia 3a. ed., vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995b.

SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2012.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1996.

BERG, P. S. *Reencarnação: as rodas da alma*. São Paulo: Cabala, 1998.

Internet:

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Pereira_de_Figueiredo, consultada dia 16/02/14, às 17h.

Textos sugeridos:

[“A Torá e a Reencarnação”](#) e [“O Diálogo entre Jesus e Nicodemos”](#).